



Unidade Universitária de Nova Andradina

Faculdade de Letras

REFLEXÕES SOBRE AS TENDÊNCIAS TRADICIONALISTA E PÓS - MODERNA NA
EDUCAÇÃO

Karina Tineo Rios Porto

NOVA ANDRADINA – M.S

2011



Unidade Universitária de Nova Andradina

Faculdade de Letras

**REFLEXÕES SOBRE AS TENDÊNCIAS TRADICIONALISTA E PÓS-MODERNA NA
EDUCAÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Letras da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras Habilitação Português/Inglês, sob orientação do Prof. Msc. Anailton de Souza Gama

NOVA ANDRADINA – MS

2011

KARINA TINEO RIOS PORTO

REFLEXÕES SOBRE AS TENDÊNCIAS TRADICIONALISTA E PÓS-MODERNA NA
EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras-Português/Inglês da Universidade
Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade
de Nova Andradina, como exigência
parcial para obtenção do título de
Licenciatura.

Aprovado em _____

Conceito _____

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Darlan Rodrigues Porto pela paciência e apoio durante os anos de faculdade e aos meus filhos queridos Tommy, Dana e David por entender minhas muitas ausências e por ter perdido, em nome da minha formação acadêmica, momentos importantes de suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, criador de todas as coisas, sem cuja intervenção nas nossas vidas nada é possível.

A minha querida mãe, Gladys, primeira professora na minha vida, quem me iniciou no maravilhoso caminho da leitura e em cuja voz ouvi minhas primeiras histórias.

Ao meu esposo e filhos pelo apoio e paciência durante todos os anos de faculdade, sempre do meu lado.

Aos meus colegas de turma que compartilharam comigo a maravilhosa experiência do aprendizado nesses quatro anos de faculdade.

Aos meus professores da UEMS.

E, de forma especial, ao meu professor e orientador Anailton de Souza Gama pela paciência e dedicação na realização deste trabalho e por ser, sem dúvida alguma, um dos professores que fizeram a diferença na minha formação acadêmica.

PORTO, Karina Tineo Rios. Reflexões sobre as Tendências Tradicionalista e Pós-moderna na Educação. Monografia de Conclusão de Curso. UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Nova Andradina-MS. 2011.

Resumo: Trataremos neste trabalho da Teoria da Análise do Discurso assim como de algumas correntes teóricas da educação, do perfil do professor na contemporaneidade, o movimento da educação, as mudanças ocorridas tanto na educação quanto na identidade do educador e os efeitos da globalização na escola. Escolhemos como objeto de estudo os textos da Revista Veja, cujo tema aborda a educação, e os problemas mais comuns que atingem atualmente professores e alunos.

Palavras chave: Educação, Mudanças, Identidade.

PORTO, Karina Tineo Rios. Reflexões sobre as Tendências Pós-moderna e Tradicionalismo na Educação. Monografia de Conclusão de Curso. UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Nova Andradina-MS. 2011.

Abstract: We will work in the theory of discourse analysis as well as some theoretical schools of education, teacher profile in contemporary times, the movement of education, changes in both education and the identity of the educator and the effects of globalization in school . Chosen as the object of study the texts of Veja magazine, whose theme focuses on education, and the most common problems that currently reach students and teachers.

Keywords: Education, Change, Identity.

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe." (Jean Piaget)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – HISTÓRIA DA ANÁLISE DO DISCURSO	13
1.1 Breve Histórico da Análise do Discurso	13
1.2 Discurso	13
1.3 Sujeito	14
1.4 Formações Discursivas	14
1.5 Ideologia	15
1.6 Deslocamento e ruptura	16
CAPÍTULO II – NO MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO	17
2.1 Inatismo	17
2.2 Construtivismo.....	17
2.3 Interacionismo	18
2.4 Tradicionalismo	19
2.5 O Perfil do Educador na Contemporaneidade	20
CAPÍTULO III – UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR NA REVISTA VEJA	24
3.1 Sobre a Revista Veja	24
3.2 Sobre o corpus	24
3.3 Discurso Pedagógico	25
3.4 Discurso da Revolta	27

3.5 Discurso Ideológico	30
3.6 Discurso da Especialização	32
3.7 Discurso do Outro	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade em constante mudança, não há uma descontinuidade absoluta entre o passado e o presente; o mundo tornou-se um lugar cada vez mais inseguro e esta insegurança é sentida pelo sujeito dentro da comunidade em que vive.

GIDDENS (1991, p.11) observa que “vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle”. O professor contemporâneo também é alvo dessa insegurança; ele, mais que ninguém, sente-se confuso e desorientado, não quer ser rotulado como um professor tradicional mas, ao mesmo tempo, ele mesmo não entende onde acaba o tradicionalismo e começa o pós-modernismo.

O professor moderno acredita que o uso dos recursos tecnológicos garantem a qualidade da sua aula acontecendo, às vezes, o contrário do efeito desejado. Os recursos tecnológicos estão aqui para nos ajudar na difícil tarefa de educar no mundo globalizado de hoje, para nos manter informados e atualizados dos fatos e acontecimentos que interessam e atingem os nossos alunos e para nos ajudar a criar formas e estratégias que despertem o interesse das nossas crianças pelo aprendizado mas, de forma alguma garantirão a qualidade da aula, pois todos possuímos ainda uma máquina para a qual não se criou rival, o cérebro humano.

O professor moderno deve, antes de nada, ser competente e estar preparado para lidar com as mudanças, deve lembrar que, antes de professor, ele foi aluno e, como tal, conhece as necessidades e problemas dos seus alunos. Compreender também que ele mesmo é um sujeito em formação e como tal, precisa adaptar-se às mudanças.

Hoje em dia se condena muito o tradicionalismo que tinha como principais características: Privilegiar o conteúdo; respeito ao professor era prioridade; rigidez em relação à disciplina; ambiente com regras e normas, mas também se tinha um ensino de qualidade. Seus defensores enfatizam que é impossível formar alunos críticos e questionadores sem proporcionar a eles uma base sólida de informações.

O educador contemporâneo sente-se obrigado a criar novas formas de ensino, a romper para sempre com o passado tradicional; porém, sente-se perdido na busca e elaboração dessas novas formas, pois ele mesmo é fruto dessa educação tradicional. E também não existe uma linha demarcando onde acaba o tradicionalismo e começa o pós-modernismo. É nessa busca que muitos profissionais do ensino acabam se perdendo no caminho, criando uma terrível confusão sobre a própria identidade, confusão que afeta os alunos na sala de aula.

Não pretendo nesta pesquisa defender ou condenar qualquer uma das tendências, mas sim, refletir acerca do que pode ser resgatado e usado na educação de hoje, pois temos uma responsabilidade social como educadores, formando e moldando indivíduos competentes para a sociedade em que vivemos. O que realmente se precisa é de profissionais capazes e intelectualmente preparados para atuar de forma competente e responsável.

Não se trata de criar novas e revolucionárias formas de ensino, mas sim, de usar o que temos nas mãos, transformar e adaptar de acordo com as necessidades dos alunos, incentivar a pesquisa de forma a contribuir na formação de alunos pesquisadores e autônomos levando sempre em consideração as condições, a realidade e as diferentes competências dos educandos.

Nossa pesquisa está assim organizada: No primeiro capítulo, **Historia da Análise do Discurso**, apresentamos um breve histórico e os principais conceitos da Análise do Discurso, relacionando os principais conceitos que serão utilizados no texto.

No segundo capítulo, denominado **No Movimento da Educação**, trataremos das mudanças ocorridas ao longo do tempo, as principais correntes teóricas da educação, assim como o perfil do professor pós-moderno e as consequências da globalização na identidade do educador e também dos alunos.

No terceiro capítulo, efetuamos uma análise classificando os enunciados recolhidos na Revista Veja, edições nº 2203, 2185, 2196, 2075, 2141 e 2190 em diferentes categorias discursivas e faremos a análise dos mesmos como conclusão do trabalho.

CAPITULO I

HISTÓRIA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Levando em consideração os princípios da **Análise** do Discurso, o sujeito do discurso não pode nem deve ser visto como único e egocêntrico, o “outro” **é** indispensável para a constituição do sujeito, pois a linguagem não **é** um simples ato de interação social entre os sujeitos, ela **é** a materialização do discurso e traz consigo manifestações sociais, históricas e ideológicas. Compreendemos, assim, que o sentido do enunciado, muda de acordo com as posições que defende quem as empregam.

Neste capítulo apresentamos um breve histórico da Análise do Discurso, seus precursores e principais conceitos que serão utilizados no decorrer da nossa pesquisa.

1.1 Breve histórico da Análise do Discurso

A Análise do Discurso surgiu na década de 60, na França, e teve como principais fundadores Jean Dubois, um linguista e Michel Pêcheux, um filósofo envolvido com o marxismo, a luta de classes e a psicanálise; as questões filosóficas, políticas e ideológicas serviram de base concreta para a construção de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos. É apoiado numa formação filosófica que nasce o projeto da A.D.

Pechêux (1999, p. 21) lembra que:

A análise do discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando o sentido dos textos, apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica, de um sujeito [...] O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal.

Serão tratados a seguir alguns dos principais conceitos da A.D

1.2 Discurso Para a A.D, o discurso é uma ação do sujeito agindo sobre o mundo, marcando uma posição, como explica Orlandi (1999, p.15), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si

a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”. Sendo assim, o discurso nunca está só, ele está sempre ligado a outros discursos que o antecedem com os quais tem alguma relação. O discurso não trata só de transmissão de informações, pois temos um complexo processo que relaciona sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história. Não se trata também de um código porque o receptor e o emissor não estão separados nem atuam numa sequência.

Podemos dizer também que o discurso não deve ser confundido com “fala”, já que ambos são apenas uma ocorrência casual e individual, cada uma com suas variáveis. O discurso se constrói de acordo com o momento histórico e com o espaço social em que é produzido pelo sujeito; porém, o discurso não pertence completamente ao sujeito, pois ele precisa do outro, é o olhar do “outro” que dará sentido ao “eu”.

1.3 Sujeito

Para entender a noção de sujeito, temos de considerar, em primeiro lugar, o sujeito como um ser social, pois ele pertence a um espaço coletivo, histórico porque ele não está alheio ao mundo em que vive, e descentrado porque, segundo Orlandi (2005, p.20) “o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como o afetam.”

O discurso não pertence completamente ao sujeito, pois ele precisa do outro, é o olhar do “outro” que dará sentido ao “eu”. Porém, as palavras não se significam sozinhas, são as formações discursivas acompanhadas da ideologia que lhes darão o sentido.

1.4 Formações Discursivas

Para Pecheux (1997, p. 160), uma formação discursiva é o que, em uma formação ideológica dada, isto é a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e o que deve ser dito” (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc).

Funcionam nos processos discursivos uma **série** de formações imaginárias e são elas as que designam os lugares de A (o sujeito) e B (o destinatário) “que A e B se atribuem cada um a si e a o outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.” Segundo Pecheux (1997, p. 82-83) todo processo discursivo supõe a existência das seguintes formações imaginárias:

IA(A) : Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A – Quem sou eu para lhe falar assim?

IA(B) : Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A – Quem **é** ele para que eu lhe fale assim?

IB(B) : Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B – Quem sou eu para que ele me fale assim?

IB(A) : Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B – Quem **é** ele para que me fale assim?

Segundo Orlandi (2000, p.42) “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder.”

Podemos dizer, então, que as formações imaginárias são a maneira como a posição do sujeito e o destinatário que participam no discurso intervêm na produção dele. **Porém**, no funcionamento das formações imaginárias **é** muito importante ressaltar o social e a história, isso contribui para entendermos o que está sendo dito e porque está sendo dito.

1.5 Ideologia

Karl Marx, filósofo **alemão**, trabalhou muito o conceito de **ideologia**. Para ele, a ideologia está diretamente ligada aos sistemas morais, sociais e políticos, criados pela classe social dominante, que tinha como único objetivo manter as classes mais abastadas no poder. A ideologia seria, então, ilusória e enganadora; ela cria no sujeito a ilusão de que ele **é** o dono do seu dizer, a origem, a fonte do sentido, mas, na verdade o sujeito **é** interpelado pela

sua ideologia, ou seja, ele é assujeitado, mostrando assim que, em todo enunciado, o sujeito fala a partir de uma formação discursiva dada, marcando, assim, sua posição.

Pêcheux (1997, p. 149) sugere que o sujeito materializa a ideologia por meio dos discursos articulados por ele. “só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos”. Não há sentido que não seja representado ideologicamente; tudo o que dizemos está ligado a outras ideologias, ou seja, as mesmas palavras podem ter significados diferentes por se inscreverem em formações discursivas diferentes. A ideologia é a responsável pela existência do sujeito, para que o discurso tenha sentido é preciso a relação do sujeito com a história e com a língua, elas atuam sempre juntas e de forma alguma podem ser separadas.

O sujeito se significa, por um lado, pelo mundo, por sua experiência, sua memória discursiva, por um saber/ poder/ dizer/ dever, que representa, no discurso, a sua ideologia, e por outro lado, pela língua. O homem se significa sujeito à necessidade, à falha, ao acaso. É na relação com o real e o imaginário que o sentido e o sujeito se deslocam e se repetem, não existem sentidos nem sujeitos já prontos e constituídos definitivamente. Às vezes, o sentido é pego pelos dizeres já estabelecidos, ocorrendo assim, a repetição. O deslocamento ocorre por meio da repetição histórica, ela permite o movimento pois este historiciza o sujeito e o dizer, acontecendo assim o discurso, trabalhando com a falha e o equívoco, mas também entrando no imaginário e fazendo o irreal fazer parte do já estabelecido.

1.6 Deslocamento e ruptura

As sociedades modernas não são mais como um todo bem delimitado e unificado como pensaram os sociólogos. Elas não têm mais um centro organizador único, elas estão constantemente deslocadas ou descentradas por forças alheias a si mesma. Como afirma Hall (2005, p. 9) “Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido localizações como indivíduos sociais”.

Estas transformações estão abalando a idéia que o sujeito tem mesmo como ser integrado numa sociedade. A descentração ou deslocamento desse indivíduo de seu lugar no mundo cultural e social, gerará nele uma crise de identidade, pois esta identidade deixa de ser algo fixo ou permanente para se tornar “móvel” continuamente transformada pela multiplicidade de identidades com as quais nos identificamos temporariamente.

CAPITULO II

NO MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO

Serão tratados neste capítulo, as principais correntes pedagógicas como o Tradicionalismo, Inatismo, Construtivismo e o Interacionismo, bem como algumas das suas características, a figura e a identidade do professor e o papel dele perante a sociedade; abordaremos também o novo perfil do professor e da escola pós-moderna e as expectativas em torno deles assim como a ideologia e a identidade do professor contemporâneo e a forma como essa identidade afeta o desempenho na sala de aula.

2.1 Inatismo

A teoria inatista afirma que a criança já nasce pré-programada com uma grande quantidade de informações; para Chomsky, ela tem um dispositivo de aquisição de linguagem, o DAL, que é inato e é ativado a partir do IMPUT recebido, e tem como resultado a gramática da língua a qual a criança será exposta. O DAL é formado por uma série de regras, e cabe a criança selecionar as que utilizará e excluir as que não há de precisar.

Chomsky, usando este argumento, comprova que a capacidade linguística, já esta inscrita no código genético do ser humano e que a criança só precisará do IMPUT para desenvolver a que será a sua gramática nativa.

2.2 Construtivismo

Teoria inspirada nas idéias do suíço Jean Piaget, (1896-1980) o construtivismo propõe que o aprendiz vá construindo seu aprendizado com procedimentos como a pesquisa em grupo, o estímulo á dúvida, a experimentação e o desenvolvimento do raciocínio. A partir de suas ações e da interação com o meio em que vive o aluno vai construindo as características do seu mundo. O construtivismo não considera o erro como um tropeço, e sim como uma parte importante que servirá como trampolim na rota da construção da aprendizagem.

Para Piaget, as crianças aprendem buscando informações no mundo e construindo seu próprio conhecimento e não por meio da troca de informações com outros. O conhecimento é portanto, construído pelo próprio aprendiz através das suas ações no mundo.

O papel do professor é muito importante nesse processo, pois ao ensinar nossos alunos a buscar e processar informações, estaremos contribuindo na formação de sujeitos responsáveis e preparados para construir de forma eficaz seu próprio conhecimento, ao longo da sua vida.

Vygotsky (1998, p.31) ressalta o importante papel social da linguagem quando diz que “signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais”.

O construtivismo, mas o que um linha pedagógica, é uma teoria psicológica que tenta explicar como acontecem as modificações das estratégias de conhecimento do sujeito no decorrer da suas vida.

2.3 Interacionismo

Vygotsky defende que a vivência em sociedade é essencial para a humanidade do homem, quer dizer, se transforma de um ser biológico em ser humano. É por causa das relações com os outros que construímos os conhecimentos que permitem o nosso desenvolvimento mental; desenvolvimento que é impulsionado pela linguagem.

A linguagem é importante para Vygotsky por dois motivos: o primeiro porque é o principal instrumento para que essa relação aconteça; e o segundo, porque tem relação direta com o próprio desenvolvimento psicológico, ou seja, o conhecimento não pode ser construído por uma pessoa sozinha, ela precisa dos outros, que são os mediadores.

O ponto central da teoria de Vygotsky é o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, ZDP, que afirma que a aprendizagem acontece no intervalo entre o conhecimento Real e o conhecimento Potencial, ou seja, é a distância que existe entre o que o sujeito já sabe e aquilo que ele tem potencialidade de aprender.

A educação atuaria estimulando a aquisição desse potencial, o papel do educador, seja exercida por professores, pais, ou pessoas mais velhas é muito importante pois eles são os mediadores entre a relação da criança e o mundo em que ela vive.

2.4 Tradicionalismo

Doutrina de caráter teológico-filosófico, o Tradicionalismo surgiu durante a Revolução na França e se estendeu pelo século XIX, ela surge como uma oposição ao racionalismo predominante na época. O Tradicionalismo, também chamado de Ultramontanismo, **porque** defende a submissão moral e social ao poder da igreja e a monarquia como sistema de governo verdadeiro e seus principais representantes são: Joseph de Maistre, Louis de Bonald e Felicite de Lamennais.

No século XIX, a escola era vista como capaz de elevar e levar valores, possibilitando a mudança no status social do cidadão; a relação do professor com o aluno era hierárquica e, em consequência, submissa. O aluno era visto como um receptor que nada sabe e precisa do professor para absorver o conhecimento vindo dele; sendo assim, o professor era considerado possuidor de ética, tradição cultural e formador de caráter do aluno, sendo responsável também de transmitir o conhecimento formal. Ou seja, o professor assumia perante a sociedade o papel de detentor do poder, o poder pelo saber.

As famílias da época depositavam na escola e nos educadores total confiança e mantinham uma relação de companheirismo. A escola tradicional era centrada na figura do professor, sendo este também muito cobrado com relação ao aprendizado do aluno e ao conteúdo determinado pelo currículo que era adotado em todas as escolas do Brasil. Não se levava em conta as diferenças de classe social, raça e diferenças financeiras.

A metodologia usada não tinha relação com a realidade, era um aprender mecânico que valorizava a assimilação por meio de transmissão; era repetitiva e levava ao aluno a decorar e gravar. A escola era um ambiente **com regras e normas muito rígidas em relação á disciplina; porém, se tinha uma atitude** patriótica e se ensinava aos alunos reverência aos símbolos pátrios, se privilegiava o conteúdo e o respeito ao professor e se tinha um ensino de qualidade; seus defensores enfatizam que não há como formar um aluno crítico e questionador sem uma base sólida de informação.

2.5 O perfil do Educador na Contemporaneidade

A escola vem mudando através do tempo, o Brasil começa a se estruturar e definir a educação em 1930 com um movimento denominado “escola nova” que surge em oposição a

Escola Tradicional e representou o mais vigoroso movimento de renovação da educação. Um dos pioneiros da Escola Nova é Adolphe Ferriere (1879-1960) escritor, educador e conferencista suíço; lecionou no instituto Jean – Jacques Rousseau, de Genebra. Suas ideias passaram de concepções biológicas a uma filosofia espiritualista.

Em 1899 fundou o Birô Internacional das Escolas Novas com sede em Genebra. Criaram-se então vários métodos de ensino que significaram o maior avanço da Nova Escola. Esses métodos se aperfeiçoaram e levaram para a sala de aula inovações como o rádio, a televisão, o cinema, o computador e as máquinas de ensinar. O movimento trazia propostas inovadoras para a época, algumas dessas propostas são: a escola pública para todos, a co-educação dos sexos e a revolução pedagógica de ver o aluno como o centro do ensino e não como era antigamente, onde se centrava o ensino nos programas e/ou no professor. Esta nova revolução vem sendo ratificada na nova LBD 9394/96. Porém, está ainda muito longe da nossa realidade.

O novo perfil do professor não muda porque entramos num novo milênio e sim, por causa das inovações nas áreas do saber e da tecnologia. Espera-se do novo profissional do ensino: que seja humano, feliz, idealista, que exercite a paciência, que seja compromissado com valores como a sensibilidade, a cidadania, a solidariedade, o respeito, a verdade, a ética; norteie-se por princípios estéticos, estimulando a criatividade e o espírito inventivo dos alunos; princípios políticos que proponham direito e democracia, assim como a política da igualdade e princípios éticos, inserindo o aprendiz no tempo, no espaço, e visando pela ética da sua identidade.

Deseja-se um professor capaz de unir a teoria á pratica, cuja maior preocupação seja formar adultos capazes e seguros, com valores construídos solidamente voltados para a sociedade atual e seus desafios tecnológicos. Um professor atualizado e consciente, que entenda que o debate e a pesquisa são imprescindíveis para formar um aluno questionador e autônomo. Um educador que promova trabalhos em grupo com a finalidade de desenvolver habilidades e competências de nível cultural, sócio-afetivo, cognitivo e psicomotor.

Quando falamos em competências, temos como referencia básicas as teorias da epistemologia genética de Jean Piaget e a linguística de Noam Chomsky. Ambas partem da noção de que o ser humano tem a capacidade inata de construir o conhecimento por meio da interação com o mundo e o meio em que vive; de referenciá-lo e significá-lo cultural e socialmente.

Espera-se que o professor deste milênio esteja familiarizado e ensine ao aluno o uso dos recursos tecnológicos como o computador, os microssistemas, linguagem corporal, as linguagens icônicas, etc. Esteja também bem informado com respeito a meio ambiente, doenças do corpo e da alma, fruto da modernidade e que afetam os jovens de hoje e saiba lidar de maneira eficiente com elas.

Como podemos ver, espera-se muito do professor. A família, cada vez mais ausente da vida dos seus filhos, critica e censura a escola mas, contraditoriamente, deixa “nos ombros” dos professores e da escola grande parte do que deveria ser a responsabilidade deles no que se refere a educação informal da criança.

Quando vemos que:

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, **a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação**. Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. São estes os princípios mais gerais que orientam a reformulação curricular do Ensino Médio e que se expressam na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96. (BRASIL, ano, p. 05 – Grifo do autor)

Percebemos claramente que estamos diante da utopia do que se quer e se está longe ainda de conseguir. Silva & Tunes (1999) nos diz que “no seu trabalho diário, o professor está produzindo conhecimento a partir de suas ações e das ações do aluno e, ao mesmo tempo engendrando modos de chegar aos objetivos que formulou, praticando com base no seu conhecimento.” Adiante, Silva & Tunes concluem que:

“a situação do ensino constrói não apenas o aluno, mas também o professor, pois [...] ele também é um sujeito em construção no processo. A reprodução da estrutura do ensino na sala de aula é um ponto importante a se considerar na elaboração dessa noção. De modo geral, podemos supor que é difícil para o professor ver-se como agente transformador da estrutura social, pois ele sequer consegue influenciar a estrutura a qual está submetido. Se o próprio professor não é autônomo, sendo restringido pelo papel que é forçado a desempenhar pelas instâncias superiores, então seria, para ele, difícil agir no sentido de dar autonomia ao aluno.”

Como podemos perceber se espera muito do educador, sem levar em conta que fatores como as condições de trabalho e a remuneração são, também, fatores importantes que afetam o desempenho do professor; um professor mal remunerado e tendo que garantir o pão de cada dia, tendo que optar por fazer “bicos” e outras atividades, dificilmente terá tempo e condições financeiras para estudar e se atualizar.

Como Giddens (2002, p. 38) afirma também com respeito ao sentido de segurança do professor: “A modernidade, pode-se dizer, rompe com o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo sente-se privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais”.

Com as mudanças na sociedade atual o professor sente-se inseguro com respeito a ele mesmo como ser social, pois ele, como todos, é um ser em constante transformação, não só ensina como também aprende por meio da interação com os alunos.

Podemos dizer também, que a personalidade do professor e a formação universitária influenciam na sala de aula, pois é ele quem decide o que vai fazer e como vai fazer, ele decidirá os seus objetivos, a metodologia a ser usada e o jeito de avaliar os seus alunos, com base em autores e teorias em que ele acredita.

Como citamos anteriormente, o professor moderno vive o dilema da sua própria transformação como ser social globalizado e, nessa globalização, antigas identidades se desintegram, outras se reforçam por causa de ainda resistirem a essa globalização, algumas estão em declínio, porém as novas identidades estão tomando o lugar delas, criando novas identidades e essa transformação afeta não só o ser humano como o professor dentro da sala de aula.

Para entender o impacto da globalização sobre a identidade, devemos entender que o espaço e o tempo são coordenadas básicas dos sistemas de representação, pois seja essa representação escrita, desenho ou simbolização através dos meios de comunicação tais como rádio, televisão, internet etc. ela deve mostrar claramente seu objeto em dimensões de tempo e espaço. Giddens (1990, p.18) nos diz a respeito:

“A modernidade separa cada vez mais o espaço do lugar ao reforçar relações entre outros que estão “ausentes”, distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade, os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta às relações distanciadas que determinam sua natureza.”

Em consequência desses fatos, vários teóricos concordam com que a identidade cultural tem sido enfraquecida, ou seja, teve-se um afrouxamento das identificações, com a cultura nacional e as chamadas identificações globais estão começando a apagar as identidades nacionais levando-as ao colapso. Já que até as pessoas que moram em lugares

remotos e afastados do Terceiro Mundo recebem nas suas casas via TV e rádio, imagens ou mensagens de outras culturas mais ricas e consumistas.

E quanto mais a sociedade é mediada por esses sistemas de comunicação, mais as identidades ficam desvinculadas de tempos e lugares. As diferenças culturais que antes definiam a identidade de cada povo se reduzem hoje a uma espécie de língua internacional que todos entendem.

Para ilustrar melhor trataremos no capítulo seguinte recortes de artigos da Revista Veja, que tratam do assunto da globalização e suas consequências na identidade do sujeito.

CAPITULO III

UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR NA REVISTA VEJA

Neste capítulo trataremos do discurso e seus sentidos, dividiremos nossos enunciados em algumas categorias discursivas e, posteriormente, faremos a análise dos mesmos.

3.1 – Sobre a Revista Veja

Criada em 11 de Setembro de 1968 pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta, a Revista Veja é a maior revista do país e tida como referência pela sociedade; revista de maior tiragem nacional, mais de um milhão de exemplares, usada como fonte por escolas e faculdades; tradicional, respeitada e, portanto, muito influente. Posiciona-se como formadora e criadora de opinião.

3.2 – Sobre o *corpus*

Serão abordados na nossa pesquisa artigos da Revista Veja que falam sobre educação; tema que é motivo de preocupação e revolta por se tratar de um tema que devia interessar e preocupar a todos, pois da educação depende o futuro das nossas crianças e, conseqüentemente, do nosso país. Alguns dos principais autores desses artigos são, em sua maioria, economistas, como no caso de Gustavo Ioschpe e Claudio de Moura Castro.

Gustavo Ioschpe nasceu em Porto Alegre em 1977, é economista graduado em Ciência Política e Administração Estratégica na Universidade da Pensilvânia, tem mestrado em Economia Internacional e Desenvolvimento Econômico, pela Universidade de Yale, nos Estados Unidos da América. Foi um dos mais jovens colunistas do jornal Folha de São Paulo, entre 1996 e 2000. É colaborador da Revista Veja desde 2006, é membro fundador do Compromisso Todos pela Educação e em maio de 2011 foi o Especialista em Educação convidado para acompanhar a “Blitz da educação” do JN no ar.

Claudio de Moura Castro é carioca, nascido em 1938, formado em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); entre seus vários títulos tem o de ph.D. em Economia pela Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos; tem se dedicado por 30 anos

ao assunto da educação. Autor de mais de 30 livros e 200 artigos para publicações científicas e atualmente presidente do Conselho Consultivo das Faculdades Integradas Pitágoras, em Montes Claros, Minas Gerais e articulista da Revista Veja.

Lya Luft nasceu em Santa Cruz do Sul no dia 15 de Setembro de 1938, professora de Literatura e mestre em Linguística e Literatura Brasileira. Exerceu o magistério superior como professora de Linguística. Iniciou sua vida literária em 1960 como tradutora de literaturas em alemão e inglês, seguido em 1964 de um livro de poemas. Autora de crônicas, romances e poemas e também atualmente articulista da Revista Veja.

O objetivo de escolher os artigos que abordam a educação publicados na Revista Veja é que, sendo esta, a maior revista do país e formadora de opinião, nos interessa ver como os temas ligados à educação estão sendo abordados e transmitidos pela mídia, e de como os leitores estão reagindo diante dessas informações. Será que a educação está sendo realmente uma preocupação? Será que os leitores estão sendo corretamente informados dos problemas reais da educação? Ou será que a educação está apenas sendo tratada como mais um tema que serve como espetáculo para a mídia?

3.3 – Discurso Pedagógico

R1 “Cabe aos pais ter uma participação muito ativa na educação dos filhos, gastar bom tempo nesses misteres.” (edição 2203)

R2 “Teoria sem prática interessa tão pouco quanto prática sem teoria.” (edição 2185)

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1993. P.522) o vocábulo **Pedagógico**: significa enquanto pedagogia: *“Teoria e ciência da educação e do ensino.”*

R1 faz parte de um artigo de Claudio de Moura Castro publicado na Revista Veja, edição 2203, de Fevereiro de 2011. O autor é formado em economia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e tem se dedicado há 30 anos ao assunto da educação; atualmente é presidente do Conselho Consultivo das Faculdades Integradas Pitágoras, em Minas Gerais e articulista da Revista Veja. O artigo fala sobre o Sputnik chinês e a educação. No Brasil, a escola se encarrega cada vez mais com a responsabilidade da educação da criança; os pais, cada vez mais ausentes da vida escolar dos seus filhos, colocam nos ombros da escola e dos professores o que deveria ser sua labor, achando que a escola conseguirá

suprir todas as necessidades do aluno, e que, portanto, estando dentro da escola, os pais não são mais necessários. Não devemos esquecer que a educação da criança começa logo nos primeiros anos de vida dentro do lar.

É obrigação da família dar à criança a educação básica para poder viver em sociedade como, por exemplo: obedecer, pedir licença, agradecer, compartilhar, assim como a formação de valores. A escola dará continuidade a essa educação, introduzindo os conteúdos indispensáveis para a formação intelectual e profissional da criança dentro da sociedade; é importante que os pais trabalhem em parceria com a escola, que formem uma equipe, seguindo, ambos, os mesmos princípios, assim como a direção dos objetivos que desejam alcançar.

A escola não pretende que os pais ensinem conteúdos para o aluno, essa é obrigação da escola, o que a escola pede é que os pais colaborem dialogando com os filhos sobre o conteúdo que está vivenciando, a relação dos mesmos com professores e colegas e que se interessem mesmo pela vida escolar dos seus filhos; assim, eles estarão mais motivados e sentirão que seu sucesso na escola é importante para seus pais e sua comunidade.

Em R2, referente ao assunto da relação entre teoria e prática, Gamboa (2003, p.125) nos diz “ Nesse sentido não é possível conceber a teoria separada da prática. É a relação com a prática que inaugura a existência de uma teoria; não pode existir uma teoria solta. Ela existe como teoria de uma prática. A prática existe, logicamente, como a prática de uma dada teoria. É a própria relação entre elas que possibilita sua existência”.

Devemos entender então, que a teoria nos serve de base, mas ela tem que ser adaptada a nossa realidade, os livros não são suficientes, é preciso olhar para a realidade que se pretende entender. O papel do professor será interagir com esse conhecimento, pois só podemos nos educar quando a teoria vem acompanhada de aplicações práticas dentro da relação do aluno com a realidade que vivencia. Entendemos então, que a teoria que acumulamos durante anos durante nossa formação acadêmica, deve ser adaptada à prática na sala de aula.

3.2 – Discurso da revolta

R3 “Nossa educação está abaixo de qualquer crítica. E pode piorar, pois temos um ensino cada vez mais relaxado, uma autoridade mais inexistente.” (edição 2196)

R4 “Escolas caindo aos pedaços, professores pessimamente pagos, e mal preparados (cadê tempo para ler, estudar, progredir, se todos precisam de algum bico para defender o pão de cada dia). (edição 2196)

R5 “Chega de incompetência e mediocridade na educação.” (edição 2075)

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2001. p. 608) o vocábulo revolta significa: “*sf.* 1. Ato ou efeito de revoltar (-se) . 2. Manifestação (armada ou não) contra autoridade estabelecida. 3. V. revolução (2). 4 Indignação; repulsa.

Conforme falado no item 2.1, R3 da Revista Veja, edição 2196, de dezembro de 2010, Lya Luft, professora e escritora trata da problemática da nossa educação cada vez mais frouxa, e não é só na escola, pois a educação não se limita só a ela; ela abarca muito mais, ela começa em casa, ouvimos constantemente nos meios de comunicação que precisamos investir mais na educação, mas esse investimento não se resume as escolas, mobília, merenda, salas de tecnologias, ar condicionado nas salas de aula, salário de professor etc.; esse investimento também deve ser cobrado com respeito ao desempenho do professor, a autoridade escolar mais presente, aos pais de família como formadores de valores e ao nosso trabalho em geral como educadores.

Luft aponta o fato da nossa educação estar abaixo de qualquer crítica, podendo ainda piorar porque, como afirma Claudio de Moura Castro, em entrevista publicada na Segunda-Feira, 20 de junho de 2011 ao Portal SESC-SP:

“...a nossa educação não está em crise, precisamos criar uma crise na nossa educação. Ou seja, todo mundo quer vaga e todos têm, ninguém quer qualidade e ninguém tem. A educação está em perfeito equilíbrio. Então, precisamos de uma crise na educação, na qual todos fiquem descontentes e insatisfeitos, e rejeitem o que a escola está oferecendo, porque sem isso a educação não vai melhorar”.

Entendemos, então, que ninguém se importa realmente com a educação e que tudo está bom do jeito que está. As autoridades pertinentes se preocupam mais com infraestrutura, mas, e a qualidade do ensino, por que ninguém se preocupa com ela?

Também é comum ver que os artigos versando sobre educação são raramente escritos por educadores e, mesmo quando é atacado, o professor raramente se defende. Ele é

silenciado. Será porque ele mesmo duvida da sua capacidade, ou o mesmo não tem competência para se defender? Ou porque, abafado na sua identidade, se omite a debater? Ele, o professor, aceita que pessoas de fora falem sobre um assunto do qual ele é o maior conhecedor; ninguém melhor que o professor para falar de educação ou métodos de ensino, do que dá certo ou não na educação; porém, infelizmente não vemos isso acontecer.

Consideremos que a Revista Veja, ao inscrever seu sentido na história e conseqüentemente na Memória discursiva, termina por garantir ou questionar uma identidade do professor a partir de lugares e discursos específicos. Para garantir ou questionar a identidade do outro, o sujeito não pode ser qualquer um; precisa investir-se de um certo poder e ser reconhecido pelo seu interlocutor, condição que não é “pouca coisa” diante da Revista Veja. Nesse caso, a Revista Veja impõe seu discurso, sua prática, sua presença na Representação Identitária do professor.

No mesmo artigo, em R4, da Revista Veja, edição 2196, de dezembro de 2010, Lya Luft nos fala de um dos principais problemas da educação de hoje: a má remuneração do professor; os professores, principalmente por fatores como o econômico e, tendo que garantir o pão de cada dia da família, são obrigados a procurar bicos que não têm nada a ver com sua profissão, ficando, assim, sem tempo para estudar, se atualizar e melhorar sua qualidade profissional. E, mal preparados, não poderão atingir o nível que se espera deles, pois um professor cansado, desinformado, mal preparado dificilmente poderá ter um bom desempenho dentro da sala de aula.

A má remuneração afeta também outro lado muito importante na identidade do professor, a sua autoestima; a falta de dinheiro suficiente gera no profissional da educação insegurança, e essa insegurança é sentida pelo aluno que chega, às vezes, até a tirar vantagem dela, principalmente se o aluno é de condição social elevada, pois é muito comum na escola ver os alunos colocarem apelidos pejorativos e fazerem comentários humilhantes com relação aos professores com menos recursos econômicos piorando mais ainda a situação.

Outro problema presente é quando o professor ensina uma disciplina diferente da qual ele cursou na faculdade; geralmente, o professor, além da sua disciplina e, como já citamos, por fatores econômicos é obrigado a pegar aulas de uma disciplina diferente, que não é a sua. É óbvio que o seu desempenho será precário, pois não está preparado para isso e, como já foi citado também, sem tempo de se preparar teremos, como resultado, alunos que não aprendem, como poderiam se o próprio professor mal sabe o que está fazendo.?

Todos esses fatores abalam a identidade do professor criando, em muitos casos, a desistência da profissão ou o total desinteresse e acomodação, tendo como consequência uma educação de má qualidade.

O R5 da Revista Veja, edição 2075, de agosto de 2008, faz parte de um artigo que fala a respeito da indignação e revolta por causa da mediocridade na educação, situação que pouco importa às autoridades educativas pois, com frequência, são implantadas políticas que pioram o quadro de mediocridade no sistema de ensino.

Atualmente, o desafio do sistema educativo é tratar a escola como uma empresa prestadora de serviço. Com as mudanças no mundo de hoje, o modelo ideal de escola mudou também e se encontram vários modelos e formas. Sendo atualmente a escola uma empresa é necessário que ela atenda as demandas do mercado. Como André Pestana (2003, p.22) afirma:

[...] É fundamental que o corpo diretor da escola (empresa) entenda que os seus alunos (clientes) representam a razão da existência da sua escola, que o seu maior patrimônio são funcionários e professores. E principalmente, na condição de prestadores de serviço, precisam investir continuamente em recursos humanos, científicos e tecnológicos. Nenhuma organização, seja ela política ou econômica, pode fechar os olhos a essas mudanças. A empresa de hoje não se limita mais ao seu tamanho físico ou poder econômico. A estrutura jurídica que quiser ultrapassar os próximos dez anos deve estar comprometida com a sua rua, o seu bairro, a sua cidade, o seu país.

A escola como empresa não sabe ainda que caminho tomar, seus responsáveis devem conhecer o perfil do seu público alvo, do seu consumidor, devem se preocupar com a qualidade dos serviços que oferecem. Na nossa sociedade contemporânea, tornou-se mais competitiva, dinâmica e rápida; vemos cada vez mais rapidamente desaparecer as fronteiras culturais, econômicas, sociais e políticas por causa da globalização. Conforme falado no segundo capítulo, as chamadas identificações globais estão começando a apagar as identidades nacionais levando-as ao colapso, aparecendo no seu lugar novas identidades.

3.3 Discurso Ideológico

R6 “Ao fim e ao cabo desse processo, a boa educação terá ensinado a ver a beleza das ideias e a acreditar no seu poder. Portanto, fora com as ideias inertes que freiam tais objetivos!” (edição 2185)

R7 “O que precisamos é de poucas ideias, estudadas e aplicadas em todas as direções possíveis. Um ensino sobrecarregado com ideias velhas e distantes não é apenas inútil, é nocivo!” (edição 2185)

R8 “Mudaram os nossos ídolos. Não sei se para pior, mas certamente para bem interessantes.” (edição 2141)

Ideologia significa, segundo o dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 2001 p. 371), *sf.* 1. Ciência da formação das ideias .2. Sistema de ideias. i. de: o. lo. gi. co adj.

Claudio de Moura Castro, no R6, da Revista Veja, edição 2185, de outubro de 2010, nos diz que a boa educação nos ensina a ver a beleza das ideias e a acreditar no seu poder. O autor, assim como muitos educadores, ainda acreditam na beleza das ideias e no seu poder transformador; a docência não pode ser encarada como um simples emprego e sim como uma vocação, só assim o professor terá a capacidade de transformar a vida dos seus alunos, acreditando nessa transformação por meio da educação. Ele terá que adaptar-se ao tempo em que vivemos e utilizar os recursos de que dispõe de forma hábil e criativa.

Que as ideias que passamos para os nossos alunos sejam importantes, ideias que eles possam utilizar aqui e agora; que os alunos possam relacionar essas ideias com os problemas que fazem parte do seu cotidiano, pois as teorias só serão úteis para o aprendizado se elas forem usadas. Para entender nossos alunos devemos ver a vida com os olhos deles, respeitando as diferentes etapas pelas quais estão passando. A imposição de determinado modelo educacional geralmente não educa; entendemos, então, que devemos estimular a criatividade natural da criança direcionando-a para os objetivos que queremos alcançar.

O R7, retirado da Revista Veja, edição 2185, de outubro de 2010, faz parte do mesmo artigo do R6; ele nos diz que “precisamos de poucas ideias”, mas ideias que dão certo. Não devemos sobrecarregar o ensino com ideias e teorias velhas e distantes da realidade dos nossos alunos; viver no passado significa atraso, não sair do lugar. Só devemos voltar ao passado se for para resgatar práticas de ensino que deram e dão certo e que podem ser usadas ainda hoje, levando em conta as características da nova geração.

Não podemos permitir que a nossa educação influencie na forma como educamos conforme abordado no segundo capítulo com respeito ao tradicionalismo, cujo modelo tinha regras muito rígidas, mas que davam certo na época, não quer dizer que devemos voltar lá só

porque davam certo lá, até porque hoje talvez não dariam mais certo; temos que buscar as soluções aos problemas do nosso tempo com ideias do nosso tempo.

No R8 da Revista Veja, edição 2141, de dezembro de 2009, tratamos de um assunto muito importante e que constitui a real mudança desta geração. Por causa da tecnologia, nossos alunos se interessam e respondem cada vez menos a métodos de ensino que funcionavam muito bem com as gerações passadas, Como afirma Hall (2001, p. 9) “Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido localizações como indivíduos sociais”.

Mudamos os nossos ídolos, já dizia Cazuzza, jovem cantor de rock que influenciara milhões de jovens da sua geração na década de 80 “meus heróis morreram de overdose, meus inimigos estão no poder, Ideologia! Eu quero uma pra viver...”. Podemos observar tanto na Literatura quanto no cinema e na música as mudanças dos heróis para bandidos e os novos bandidos-heróis, ninguém mais se identifica com o mocinho e, na maioria dos casos, prefere ser o bandido. Nossos valores mudaram, nossa ideologia também, e bem no meio dessa mudança está o professor, no meio de um dilema porque, por um lado, como todos, ele também mudou como sujeito social e, por outro lado, ele é responsável por educar as futuras gerações.

Nossas crianças e adolescentes mudaram também; eles são fruto de outra geração. Dos príncipes e princesas dos reinos encantados passaram a gostar e se identificar com rebeldes e simpáticos bruxos, cultivar amores platônicos por vampiros e lobisomens e transformar o que antes era bizarro no ideal a seguir além de se tornarem cada vez mais cibernéticos e virtuais, dependentes dos novos aparelhos que a tecnologia trouxe consigo.

Certamente, as identidades mudaram e continuarão mudando, como afirma Bauman, (2001) a modernidade tornou o indivíduo e suas relações “líquidos” inconstantes, provisórios, a família, as relações de trabalho, religião e outras instituições que antes eram instituições sociais sólidas, derretem-se de repente tornando-se líquidas e moldando-se as novas e diferentes estruturas, criando no indivíduo uma sensação de liberdade e individualidade que, por outro lado, cria desamparo e solidão. O professor, como todos, também está só e desamparado frente a essas novas estruturas; porém, ele terá que acompanhar essas mudanças sem se desviar do verdadeiro objetivo da educação.

3.4 – Discurso da Especialização

R9 “Ter peninha da pobre criança que não tem vontade de estudar é trocar o conforto emocional de hoje pelo futuro do filho.” (edição 2203)

R10 “Um povo educado é como um filho positivamente rebelde que não aceita injustiças, gritos, brutalidade ou humilhações em casa.” (edição 2196)

R11 “Primeiro, o povo ficou mais feliz com seus novos apetrechos; ou aumentou sua alienação e angústia; Segundo, ele saberá usar isso tudo; ou as lastimáveis deficiências em sua educação o impedem de usar melhor desse potencial criado pela tecnologia para aumentar sua cultura e qualidade de vida” (edição 2140)

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa (SOARES AMORA, 2003, p. 281) o vocábulo *especialização* significa: “*sf. Ação ou efeito de especializar(se)*”

O R9 pertence a edição 2203, da Revista Veja, de fevereiro de 2011 e trata dos fatores que fazem da educação dos países orientais como a China estar a frente em questões de educação. A maioria dos fatores que colaboram com esses resultados são culturais, pois se 70% das mães ocidentais se preocupam com assuntos como estresse e pressões das suas crianças, 0% das mães chinesas o fazem. Para os orientais o sucesso na escola, como tudo na vida, é consequência de muito trabalho e esforço; não se preocupam se o filho gosta ou não do que faz, pois acreditam que o gosto vem com a prática.

Se os filhos não obtêm bons resultados na escola, é porque não se esforçaram o suficiente, pois eles tem certeza que o filho tem a capacidade de atingir o que se espera dele, os pais são ambiciosos nas suas expectativas. Nos países ocidentais os pais se preocupam cada vez mais com traumas, lesões que a criança pode ter em consequência de certas ações deles, ou por estarem fazendo alguma coisa contra da sua vontade.

Nos resultados do PISA (Teste Sobre Eficiência Escolar) em 65 países, os países asiáticos Coreia do Sul, Japão, Schangai, China e Singapura estão entre os primeiros classificados, seguidos pela Finlândia, Canadá, Nova Zelândia e Austrália. Já entre os últimos colocados se encontram países como México e o Brasil. Será que está faltando na nossa educação um pouco da dureza empregada nos países orientais? ou ter, talvez, preocupações “reais” pela educação? Cabe ao leitor analisar.

No R10, artigo da Revista Veja, edição 2196, de dezembro de 2010, o especialista ressalta a importância da educação e compara um povo educado com um filho positivamente

rebelde, pois a educação traz consigo conhecimento das coisas e uma visão diferente do mundo em que se vive; e quem conhece, quem se informa, dificilmente aceitará injustiças, não aceitará mais viver em condições precárias, reclamará e se rebelará ante qualquer tipo de opressão. Quem tem acesso à educação quer uma vida melhor para ele e sua família, quer ser tratado com dignidade e igualdade, com respeito e equidade.

É inquestionável que a educação transforma a vida do sujeito; um sujeito sem educação está condenado a uma vida marcada pela miséria, pois o mundo tornou-se um lugar competitivo onde é necessário estar preparado para o mercado de trabalho cada vez mais exigente. Precisamos dessa rebeldia positiva que nos ajude a crescer intelectualmente; porém, dificilmente vemos o próprio professor se rebelar contra o que considera errado ou desnecessário na educação, preferindo se acomodar ao sistema e deixar as coisas como estão.

Citando reportagem da Revista Veja, edição 2140, de dezembro de 2009, o R11 fala da tecnologia ao alcance de todos. Até há pouco tempo só ricos podiam ter acesso a celulares, computadores e outros aparelhos; hoje não é mais privilégio das classes mais abastadas e todos têm acesso a computadores e internet.

Porém, esses recursos que deveriam ser usados para aumentar a qualidade de vida e ajudar no desenvolvimento intelectual e cognitivo dos aprendizes estão, na maioria das vezes, atrapalhando o processo de aprendizagem, pois constituem uma forte distração dos reais objetivos da educação, sendo vistos ainda pela maioria como fonte de entretenimento e não como uma ferramenta ao serviço da educação.

A tecnologia bem utilizada constitui um parceiro para professores e alunos pois facilita o trabalho tornando-o mais rápido e eficiente; antes dela chegar, pesquisas eram feitas em bibliotecas que nem sempre dispunham dos materiais necessários e se gastava muito tempo que poderia ser utilizado para outras atividades; hoje, com apenas um “clic” no computador em poucos minutos temos acesso a toda a informação de que precisamos.

Portanto, é importante o olhar criterioso do professor, pois ainda é ele quem decide o quê e de que forma será feito. É ele quem decidirá o que seus alunos precisam; o professor tem que ter consciência que ele é o mediador entre as novas tecnologias e os alunos.

3.5 – Discurso do Outro

R12 “Outro erro comum que cometemos é acreditar que a tecnologia e infraestrutura são fatores determinantes para o aprendizado.” (edição 2190)

R13 “Pobre não tem dinheiro para revistas ou jornais, mas agora está tudo na internet. E pode ler em português e gratuitamente, milhares de livros do domínio público.” (edição 2140)

Conforme o dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1993, p. 505), o vocábulo *outro* significa: “*pron. 1. Diverso do primeiro; diferente de pessoa ou coisa específica. 2 Seguinte, imediato. 3. O reto (1).*”

Gustavo Ioschpe, economista com graduação em Ciências Políticas e Administração Estratégica, articulista da Revista Veja nos fala no R12, artigo publicado na edição 2190, de Novembro de 2010 dos fatores que são determinantes para o aprendizado. Hoje em dia, a maioria das escolas da rede pública está equipada com salas de tecnologias. O professor, em consequência, pressupõe que o seu esforço na preparação e desenvolvimento das suas aulas não é mais necessário e que a tecnologia e infraestrutura são suficientes e determinantes para o aprendizado do aluno. Ouvimos com tristeza discursos dos próprios professores afirmando isso porém, as tecnologias por si só não bastam, elas não substituem o professor e, mal direcionadas, não só seriam inúteis como prejudiciais para nossas crianças.

Percebemos, então, porque economistas e profissionais de outras áreas são os que falam sobre educação, o próprio professor duvida da sua competência, ele se refugia nas tecnologias como um recurso para ter sucesso na tarefa de ensinar no mundo globalizado de hoje e esquece que esse sucesso dependerá unicamente da sua competência como profissional.

Também existe a preocupação com respeito à preparação do professor para lidar com essas tecnologias. Na faculdade o educador não recebe um treinamento prévio tendo que o fazer por conta própria que, por fatores como tempo, econômico e outros acaba sempre sendo adiado. Em consequência, não adianta nada ter infraestrutura se somos incapazes de lidar com ela.

Como afirma Marc Prensky “Os nossos instrutores imigrantes Digitais, que usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova.” Devemos entender, então, que o professor tem que se

adaptar as inovações tecnológicas, enquanto os alunos já nasceram e crescem em contato com elas.

Vemos no R13 da Revista Veja, edição 2140, de novembro de 2009, o que seria uma suposta solução para um problema muito comum antigamente, que era a falta de recursos econômicos do estudante para investir na compra de livros, jornais, revistas, etc. Agora tem tudo na internet, gratuitamente porém, dificilmente vemos os alunos usando a internet para ler um livro ou fazer uma pesquisa; parece que não era um problema e sim uma desculpa.

Se, por um lado, se tem a facilidade de encontrar abundante material que ajude na formação do aprendiz, falta a vontade do aluno de aprender, de buscar conhecimento, de usar essas inovações como ferramenta de ensino. Ao contrário disso, temos cada vez mais alunos convencidos de que as tecnologias não servem para estudar e vêem os recursos tecnológicos como brinquedos que servem apenas para o lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que a educação hoje é um problema de difícil solução e que deveria interessar e preocupar a todos, é que escolhemos o tema para nossa pesquisa. Nos ocupamos primeiro da Análise do Discurso e seus conceitos. No segundo capítulo tratamos do movimento da educação, ou seja, das mudanças ocorridas desde os primórdios até os nossos dias, levando em consideração não só as mudanças na educação como na identidade do professor.

As principais correntes teóricas foram de suma importância para entender o processo dessas mudanças. Com a chegada da globalização e das novas tecnologias, tudo mudou, e essa mudança afeta o sujeito das gerações passadas (o professor) gerando uma total insegurança, um não saber o que fazer frente a tanta novidade e ainda sendo forçado a se preparar para lidar com elas, o que não acontece com as gerações que nasceram e crescem na era digital.

Analisamos os discursos relacionados ao tema e publicados na Revista Veja, revista de circulação nacional notamos, com profunda tristeza, que muito se fala e pouco se faz. Os artigos publicados contêm dados alarmantes com respeito a nossa educação que parecem não interessar nem preocupar a pais, professores e autoridades educativas. Diante de tamanha indiferença, o que poderíamos fazer? Vale a pena repensar nosso passado, focalizar nossas ideias no presente e pensar seriamente no futuro.

Infelizmente, falta muito para ser feito na nossa educação. Quando vemos os PCNs e as novas leis educativas sabemos que estamos diante da utopia e que passará muito tempo antes de que alguma atitude seja tomada. Nossa educação está acomodada; quando se fala em educação não se trata só dos professores ou da escola, precisamos do maior número de parceiros possíveis, as mudanças só acontecerão se todos tomarmos consciência do problema e trabalharmos juntos nas soluções.

Precisamos da colaboração ativa dos pais, amigos, autoridades religiosas, educativas e governamentais e, enfim, da comunidade em geral já que no final se trata do futuro dos nossos filhos, da nossa cidade, do nosso país. Chega de fechar os olhos e ouvidos e fingir que tudo está bem. Não devemos esquecer que educação é progresso, é mudança de vida para

melhor, é garantia de um futuro mais digno. Os tempos mudaram, as identidades também; precisamos trabalhar juntos para que alguma mudança real aconteça.

Devemos, antes de nada, ter certeza do que somos, do mundo em que vivemos; um mundo que muda muito rápido. Devemos, com certeza, acompanhar essas mudanças, sem nos desviar do verdadeiro objetivo da educação que é formar homens e mulheres competentes e capazes de viver na sociedade de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt (2001). **Modernidade Líquida**. Título Original; Liquid Modernity. Tradução: Plínio Dentzien, autorizada da edição inglesa publicada em 2000 por Polity Press, Oxford, Inglaterra. Jorge Zahar Editor, 2001. 258p.

FERREIRA, A. Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.233p.

GAMBOA, S.S **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2007

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso. Princípios e procedimentos**. 2 ed.Campinas – SP. Pontes. 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso**. Tradução: Anan Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário. *In*: Cadernos de Tradução. n. 01. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

PESTANA, André. **Gestão e educação: uma empresa chamada escola**.

PIAGET 1896 1990 **Linguagem e Pensamento**.

REVISTA VEJA. Editora Abril. Edição 2203, de Fevereiro de 2011.

----- Edição 2185, de Outubro de 2010.

----- Edição 2196, de Dezembro de 2010.

----- Edição 2075, de Agosto de 2008.

----- Edição 2141, de Dezembro de 2009.

----- Edição 2140, de Novembro de 2009.

----- Edição 2190, de Novembro de 2010.

SOARES, Amora. **Dicionário da Língua Portuguesa.** (orgs): Alfonso Tellez Alves. Supervisão: Prof: Drº. Antônio Augusto Soares Amora. Editora Saraiva. 12ed. 2003.

SILVA, Elzamir G & TUNES, Elizabeth. **Abolindo mocinhos e bandidos.** O professor o ensinar e o aprender. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1999.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO I

R1 “Cabe aos pais ter uma participação muito ativa na educação dos filhos, gastar bom tempo nesses misteres.” (edição 2203)

R2 “ Teoria sem prática interessa tão pouco quanto prática sem teoria.” (edição 2185)

R3 “Nossa educação está abaixo de qualquer crítica. E pode piorar, pois temos um ensino cada vez mais relaxado, uma autoridade mais inexistente.” (edição 2196)

R4 “Escolas caindo aos pedaços, professores pessimamente pagos, e mal preparados (cadê tempo para ler, estudar, progredir, se todos precisam de algum bico para defender o pão de cada dia). (edição 2196)

R5 “Chega de incompetência e mediocridade na educação.” (edição 2075)

R6 “Ao fim e ao cabo desse processo, a boa educação terá ensinado a ver a beleza das idéias e a acreditar no seu poder. Portanto, fora com as idéias inertes que freiam tais objetivos!.” (edição 2185)

R7 “O que precisamos é de poucas idéias, estudadas e aplicadas em todas as direções possíveis. Um ensino sobrecarregado com idéias velhas e distantes não é apenas inútil, é nocivo!” (edição 2185)

R8 “Mudaram os nossos ídolos. Não sei se para pior, mas certamente para bem interessantes.” (edição 2141)

R9 “Ter peninha da pobre criança que não tem vontade de estudar é trocar o conforto emocional de hoje pelo futuro do filho.” (edição 2203)

R10 “Um povo educado é como um filho positivamente rebelde que não aceita injustiças, gritos, brutalidade ou humilhações em casa.” (edição 2196)

R11 “Primeiro, o povo ficou mais feliz com seus novos apetrechos ; Ou aumentou sua alienação e angustia; Segundo, ele saberá usar isso tudo ;Ou as lastimáveis deficiências em sua educação o impedem de usar melhor desse potencial criado pela tecnologia para aumentar sua cultura e qualidade de vida” (edição 2140)

R12 “Outro erro comum que cometemos é acreditar que a tecnologia e infra-estrutura são fatores determinantes para o aprendizado.” (edição 2190)

R13 “Pobre não tem dinheiro para revistas ou jornais, mas agora está tudo na internet. E pode ler em português e gratuitamente, milhares de livros do domínio público.” (edição 2140)

